

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS INDÍGENAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Joelma C. P. Monteiro Alencar

Professora Doutora da Universidade do Estado do Pará
Grupo de Estudo e Pesquisa Amazônicas em Esporte e Lazer-NEPAEL

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns resultados preliminares de um estudo sobre a produção do conhecimento acerca das práticas corporais indígenas na área da Educação Física. Tem por objetivo tecer e ampliar as reflexões construídas sobre as publicações relacionadas ao tema proposto. Registra e sistematiza os dados documentais encontrados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte-RBCE sobre o tema. Apresenta alguns apontamentos teóricos que fornecem suporte para questões constituídas pelos autores identificados no referido periódico. Conclui reafirmando a necessidade de estudos de identificação, catalogação e análise de fontes nessa temática como condição básica para o incremento de tal conhecimento sobre o tema na área.

Palavras chaves: Educação Física, Produção do Conhecimento, Práticas corporais indígenas

RESUMEN:

Este trabajo presenta algún resultados preliminares de um estudio sobre la producción del conocimiento acerca de las prácticas corpóreas indígenas em el área de educación física. Tiene por objetivo tejer y agrandar las reflexiones constyó sobre las publicaciones relacionadas al teme propuesto. Registra y sistematiza a los datos documentários encontrados em el Revista Brasileira de Ciências do Esporte-RBCE em el tema. Presenta que algunas notas teorías que proporcionan apoyo por los asuntos construídas por los autores identificados em se refirieron periódico. Concluye reafirmando la necesidad de estudios de identificación y cataloga y análisis de fuentes em esa temática como condición básica para el incremento de tal conocimiento em el tema em la área.

Palabras Claves: Educación Física, La Producción del conocimiento, Prácticas Corpóreas Indígenas.

ABSTRACT:

This work presents some results preliminaries of a study about the production of the knowledge concerning the indigenous corporal practices in the área of physical education It has as objective to weave and to enlarge the reflections built about the publications related to the pruposed theme. It registers and systematizes to the documental data found in the Revista Brasileira de Ciência do Esporte-RBCE on the theme It presents some theoretical notes that supply support for subjects built by the authors identified in referred magazine. It concludes reaffirming the need of identification studies, catalouging and analysis of sources in that thematic one as basic condition for the increment of such knowledge on the theme in the area.

Key-Words: Physical Education, Production of the knowledge, Indigenous Corporal Practices.

INTRODUÇÃO

Parece pertinente a afirmação de que a produção científica em Educação Física no Brasil sofreu sensível avanço com a criação dos cursos de Mestrado e, posteriormente, de Doutorado na área, principalmente, com a crescente participação dos profissionais nos programas de pós-graduação em Educação, Antropologia, História e Sociologia. Nessa mesma direção, pensa-se que na esteira deste expressivo crescimento intelectual, os trabalhos científicos e debates teóricos proliferaram e vêm contribuindo para a construção do conhecimento e para o constante processo de reflexão, amplitude e aprimoramento do campo de estudos que envolvem a Educação Física e os diversos contextos de atuação e de grupos sociais distintos. Em particular, destaca-se, nessa área, apesar de tímido, um aumento das produções e das publicações sobre a temática indígena.

Exceto a produção de alguns trabalhos na área da Educação Física que ainda se sustentam por teorias biologicistas e tecnicistas observa-se uma considerável influência das produções antropológicas, na tessitura das pesquisas e produções acadêmicas direcionadas ao assunto. Lévi-Strauss (1989;1994;1996), Geertz (1989), Mauss (1974) e Laplantini (1988) são alguns dos autores que vem dando suporte às obras produzidas. Entretanto, sabe-se que no próprio debate nessa área questiona-se a possibilidade de um avanço na direção, como expressou Silva (2001), de uma Antropologia da Educação Escolar Indígena. Não é objetivo, nesse momento, o aprofundamento dessa questão, mas seu registro torna-se importante, na medida em que se pretende identificar os aportes teóricos que contribuem à análise do tema em foco.

Desse modo, deve-se destacar que, se de um lado, *o tema clássico do pensamento indígena (primitivo, mítico, mágico, pré-lógico, selvagem, concreto?)*, desde sempre legítimo, vem dominando uma parte importante e do debate inovador da etnologia sul-americana contemporânea (IDEM), com um enfoque distinto, temos *a questão da escolarização dos índios, claramente menos valorizada no campo teórico que a anterior, mas em torno da qual adensam-se crescentemente as discussões, os projetos, a produção acadêmica e, em contrapartida, o discurso de governo* (IDEM).

A partir da identificação dessas possíveis abordagens, realizadas entre os estudos antropológicos e a Educação Física com enfoque nas práticas corporais indígenas, percebe-se a necessidade de avançar na sistematização e ampliação da produção na área, na perspectiva de contextualizar e historicizar as produções publicadas, bem como, instigar o debate sobre uma concepção ampliada de educação e atuação profissional intercultural. Além disso, pensa-se que tais resultados podem ser agregados aos movimentos sociais organizados de reivindicações e de luta dos povos indígenas *pelo reconhecimento de seu direito à manutenção de suas formas específicas de viver e de pensar, de suas línguas e culturas, de seus modos próprios de produção, reelaboração e transmissão de conhecimentos* (SILVA, 2001).

Nesse sentido, este texto apresenta a sistematização dos resultados encontrados, até o momento, a partir da leitura e da análise dos trabalhos encontrados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, entre o período de 1989 a 2006. Na ação interpretativa, aprecia e destaca os aspectos que julga relevantes à reflexão e ao debate do tema abordado. Nas considerações finais reafirma a necessidade de ampliação das investigações sobre a identificação, catalogação e análise de fontes nessa temática como condição básica para o incremento de tal conhecimento sobre o tema na área.

IDENTIFICANDO AS PRODUÇÕES

A identificação do primeiro registro sobre as práticas corporais indígenas na Revista Brasileira de Ciências do Esporte foi na sua publicação do volume 11, número 1, de setembro de 1989. O artigo intitulado *Cultura lúdica e do movimento dos índios canela*, de autoria de Dieckert e Mehringer, apresenta resultados de uma pesquisa interdisciplinar, realizada durante três meses, especificamente, na aldeia de Escalvado-São Luiz-MA, promovida por uma Comunidade de Pesquisa Alemã, pelo Conselho Nacional de Pesquisa-CNPQ e pela Fundação Nacional do Índio-FUNAI, que investigou *a cultura corporal, do movimento, da dança e do lúdico dos índios Canela do nordeste do Brasil* (DIECKERT; MEHRINGER, 1989).

Tal artigo, numa perspectiva antropológica, desenvolve duas questões:

A questão antropológica e esportiva sobre a origem e o sentido da cultura corporal, do movimento e do lúdico e as suas respectivas formas de expressão, e a questão etnológica sobre o valor e a função da cultura corporal, do movimento e do lúdico no contexto intra e intercultural (IDEM, p.54).

As práticas corporais, como a corrida de toras, as danças e os jogos foram contextualizados pelos autores, na sua relação com o sistema cultural do povo estudado. Nesse entendimento, dentro da estrutura econômica da aldeia, eles identificaram que ocorreram mudanças significativas na sua estrutura organizativa. Se antes a caça e a coleta, tradicionalmente, ocupavam uma posição de primazia, atualmente, seria o comércio com base monetária com os colonos que conduziria às atividades de plantio, como nova fonte de subsistência. Então, *as formas de movimentos dos índios se manifestam, no lado das formas de trabalho, do dia-a-dia e de expressão, como também as formas de movimento e lúdicas das crianças, principalmente, num contexto de rituais* (IDEM, p. 55).

Uma questão que vale ressaltar diante dos argumentos dos autores é que em algum momento eles se situam dentro dos inúmeros equívocos pelos quais, historicamente, a sociedade brasileira vem tentando compreender os povos indígenas, como bem apontam os estudos realizados por Arruda (2001), Grupioni (2001), Silva (2001) e Albert; Ramos (2002), entre outros. Ao ressaltar que *a cultura corporal, do movimento, da dança, do lúdico diminuirá nos próximos anos e finalmente será esquecida* (DIECKERT; MEHRINGER, 1989, p.55), eles reforçam as visões contraditórias do índio como metáfora de liberdade natural e a do índio como imagem de “atraso” a ser superado, que mesmo sendo opostas, tais perspectivas, compartilham da convicção sobre a fatalidade de extinção dessas sociedades e/ou de um irremediável processo de aculturação, concebido, segundo as interpretações da antropologia clássica.

Na RBCE, volume 15, número 1, de setembro de 1993, identificamos apenas um resumo de um trabalho intitulado *Garimpo, mercúrio, saúde e atividade física em aldeias Kaiapó: peculiaridades observadas entre gestantes*, de autoria de Gonçalves et al. Nesse trabalho duas questões são apresentadas: a) *as flutuações dos teores de mercúrio no cabelo durante e após a gestação*; b) *a distribuição dos valores registrados, revelando surpreendentemente, indícios de comportamento biológico mais próximo ao conhecido entre garimpeiros do que entre índios*. Apesar de se tratar de um resumo, que não permite uma análise mais aprofundada, chama a atenção os resultados apontados pelo mesmo, principalmente, aqueles relacionados com as práticas corporais, a saber: *repercussões sobre a atividade física do grupamento humano estudado*. Numa rápida relação com o debate conceitual na Educação Física, ou seja, pelo enfoque dado à atividade física, tem-se a impressão que a sustentação teórica se faz via concepção biologicista.

Novamente, na RBCE, volume 15, número 2, de janeiro de 1994, Dieckert e Mehringer, publicam um texto sobre o povo Canela. Com o título *A corrida de toras no sistema cultural dos índios brasileiros Canela*, os autores, ao mesmo tempo em que fazem um recorte sobre uma das práticas corporais do povo Canela, a saber, a corrida de toras,

eles ampliam o debate ao apresentarem novos elementos de análise. Em se tratando dos procedimentos qualitativos tornam a unir a ciência do esporte à etnologia em torno da posição básica da ciência humana, dessa vez, utilizando uma *concepção da compreensão integrativa comum, que pode ser utilizada na fase da pesquisa de campo e de avaliação* (DIECKERT; MEHRINGER, 1994). Além dos procedimentos qualitativos, foi utilizada a metodologia da *explicação das ciências naturais* que se limitou aos procedimentos quantitativos, por exemplo, na realização de diferentes testes de corrida com medidas correspondentes, orientadas nos padrões de investigação da ciência do esporte de Brehm.

Para compreender a corrida de toras Canela, os autores analisaram os seguintes aspectos: a) o espaço vital: o meio ambiente natural e a aldeia; e b) o sistema cultural: religião, organização social e economia, analisando aspectos como a tradição generalizada de contar histórias, a concepção mitológica de mundo, o curandeiro e o contexto ritual. Durante os três meses em campo foram observadas e acompanhadas 50 corridas, aproximadamente, sendo que apenas três delas eram corridas de mulheres. Dieckert e Mehringer destacam que para entender o tipo, a forma, a função e o significado das corridas são necessários o conhecimento e a análise de suas regras. Nesse sentido, categorizaram os seguintes aspectos de análise: a) a competição entre dois grupos; b) período de jejum e provas; c) símbolos da corrida; d) fortificação através das plantas; e) pintura corporal; f) preparativos dos grupos de corrida; g) o corte das toras; h) saída, corrida e chegada; i) o peso das toras e j) capacidade de rendimento nas corridas.

Além de uma abordagem relacional entre os aspectos envolvidos na corrida de toras, percebe-se a ampliação na interpretação dos autores sobre essa prática corporal, em relação aos estudos de outros autores como Ninmemdjá (1946) e Stähle (1969), uma vez que interpreta os mitos, as histórias e as cantigas Canela no contexto ritual das corridas. Durante a análise dos autores foram identificados oito tipos de cantigas de corridas, oito histórias de animais e cinco histórias de corrida. Junte-se a isso a importante desmistificação de uma interpretação mecânica e determinista para aspectos como o uso da força física e da competição entre os índios que, de outro modo, estão diretamente relacionados com sua vida social e religiosa.

Com um intervalo de quatro anos sem publicações sobre o tema, Na RBCE, volume 19, número 1, de setembro de 1997, com o título *O ensino da Educação Física na formação de professores indígenas*, Grando, inaugura uma abordagem do tema numa perspectiva educacional. Apresentado em forma de resumo, o trabalho traz como contexto para análise o Projeto Tucum-Programa de Formação Indígenas para o Magistério/MT que, segundo a própria autora, *alia-se às ações coletivas dos segmentos sociais que tratam da questão indígena no estado, buscando assegurar-lhes uma Escola Pública diferenciada, específica, bilíngüe, intercultural e de boa qualidade*. A autora coloca como desafio à Educação Física, no currículo Tucum e nas escolas indígenas, a compreensão e o diálogo entre a mesma e a realidade dos povos indígenas, buscando reconhecer as diferentes concepções de corpo desses povos, assim como, o desvelamento do sentido significado da cultura corporal ocidental e sua relevância social para tais comunidades.

Observa-se nessa publicação o indicativo de uma abordagem voltada à prática pedagógica e ao enfrentamento dos povos indígenas no campo de seus direitos educacionais quanto à especificidade e à manutenção de seu patrimônio cultural, dentro de uma relação dialógica com a sociedade envolvente. Uma relação que traz à tona e solicitam certas reflexões sobre as concepções de corpo que vão além de uma concepção unilateral, sendo contrárias à homogeneização do corpo “selvagem”, “exótico” e romântico, historicamente concebido por um olhar “colonizador”. A Educação Física, então, é situada numa significativa função curricular, como uma área que lida com o corpo nas complexas

relações que permeiam as práticas sociais indígenas, na construção de novos valores e saberes, menos etnocêntricos e preconceituosos.

De que brincam as crianças Maxakali, foi o título do artigo publicado por Alves, na RBCE, volume 21, número 1, de setembro de 1999, caderno 2. Esse artigo apresenta uma descrição sucinta das práticas corporais lúdicas das crianças Maxakali, identificadas através do método etnográfico, numa pesquisa de campo realizada pela autora, registrada em diários de campo, observações, fotografias, desenhos e entrevistas. Com um enfoque no corpo infantil, Alves, analisa as várias possibilidades de experiências de movimento das crianças, compreendendo seus sentidos e significados, partindo da cosmovisão do grupo. Na interpretação da autora, as expressões jogo, brinquedo e brincadeira podem ter o mesmo significado, enquanto que festa e religião são duas esferas diferenciadas e não excludentes entre si. Na medida em que as experiências infantis são apresentadas, a denominação de cada prática corporal é contextualizada. *Dar nome às brincadeiras também é nomear o mundo que se vive.*

No âmbito desse artigo, pode-se considerar que a pesquisa de Alves vai ao encontro de uma *antropologia da criança* (SILVA; NUNES, 2002) que percebe as crianças indígenas como *interlocutores legítimos do pesquisador, e que seus pontos de vista, em sua especificidade e variedade, muito têm a ensinar sobre a vida social e a experiência no mundo, mesmo não estando em situação de risco* (IDEM). Ou seja, nessa abordagem as crianças têm algo originalmente a dizer, socializam-se ao longo de uma relação dialógica com o mundo à sua volta de tal modo que, justificadamente, sua vivência, representações e modos próprios de ação e expressão devem constituir objetos da pesquisa.

Na retomada do tema sobre a formação do professor indígena, Grando, publica na RBCE, volume 21, número 1, de setembro de 1999, caderno 3, o artigo com o título *A cultura corporal indígena: um desafio para a formação do professor índio*. Partindo do pensamento de que *a Educação Física pode ser tratada na escola indígena de forma contextualizada, isto é, dialogando entre diferentes culturas corporais, valorizando-as igualmente, sem com isso desmerecer as manifestações corporais dos índios ou negá-las no saber escolar*, a autora manifesta a intenção de investigar as seguintes questões: a) se existem elementos da cultura corporal ocidental – Educação Física/Espportes nas manifestações corporais de movimento presentes nas aldeias e como estas têm se materializado no saber escolar; b) se há interferência dos valores, sentidos e significados da cultura corporal ocidental nas manifestações corporais da cultura indígena; e c) conhecer como as crianças expressam seus movimentos corporais e como estes se inserem na cultura do seu povo.

Pautada em Canclini (1963), Lüdke e André (1986), entre outras questões, a autora problematiza a prática esportiva como conteúdo desenvolvido pela Educação Física e praticado pelos índios, refletindo sobre a possibilidade de sistematização pedagógica de manifestações da cultura corporal ocidental nos currículos das escolas indígenas, particularmente, na disciplina Educação Física, de modo a interferir ou influenciar aquela cultura.

Vinha e Ferreira, na RBCE, volume 24, número 3, de maio de 2003, publicam o artigo *Esporte entre os índios Kadiwéu*. O referido trabalho enfoca o esporte praticado pelo povo indígena Kadiwéu, da aldeia Bodoquena, localizada em Mato Grosso do Sul, observando a sua organização e os seus sentidos frente às suas tradições culturais e às tensões produzidas pelas mesmas. Para tal, as autoras estabelecem relações com a organização social e as festas tradicionais, afirmando que o futebol, em particular, cria tensões durante o processo de vivência dessa prática esportiva.

as tensões como a preferência dos jovens e líderes pela modalidade futebol, em detrimento das festas tradicionais,

parecem mais motivadas pelos desafios que o esporte promove do que pela rejeição à cultura. Da mesma forma, os sentimentos distintos, rivalidade/competitividade, a força guerreira calcada na resistência aos longos períodos sem hidratação, serão possivelmente reorganizados pelos Kadiwéu (VINHA; FERREIRA, 2003, p.155).

Torna-se importante destacar que a referida pesquisa foi realizada com procedimentos etnográficos, no período de 1997 a 1999, por meio de levantamento bibliográfico, contato interpessoal e entrevistas, sob o método de Melhy (1991) com técnicos esportivos, jovens e idosos Kadiwéu, tendo como categorias de investigação: a) Memória de festas da cultura das quais a antiga geração participava e participa ainda hoje; b) Período e introdução do esporte na aldeia Bodoquena e c) Diferenças entre jogos tradicionais e esporte, entre o esporte urbano e o esporte praticado na aldeia.

Na RBCE, volume 28, número 1, de setembro de 2006, encontramos o artigo *Os jogos dos povos indígenas e as contradições do confraternizar e competir*, publicado por Rubio; Futada; e Silva. As reflexões apresentadas pelos autores partem de uma contextualização histórica, desde o descobrimento do Brasil, sobre a concepção de termos como “povo” e “índios”. Os Jogos dos Povos Indígenas são percebidos pelo movimento intencional em prol *do resgate da identidade e pela preservação das culturas ancestrais*. Identifica-se como principal sustentação argumentativa, a proximidade desse fenômeno com o conceito de areté, fundamental na história do Movimento Olímpico, e condição existencial do homem do período helênico que marcou indelevelmente a proposta olímpica e a condição heróica dos atletas de então.

Se para os gregos os Jogos Olímpicos eram uma excepcional ocasião de aproximação entre os diversos estados gregos e constituíam a alma das relações inter-helênicas, uma vez que equivalem a verdadeiras assembléias gerais do povo grego, para os povos indígenas brasileiros a proposta dá-se nessa mesma direção. Uma vez que o principal objetivo é a celebração de um grande encontro. E se na Grécia competições esportivas eram divididas entre concursos equestres, gímnicos ou atléticos, musicais (em que se realizavam apresentações de música, canto e dança) e de beleza (nos quais eram valorizados a estrutura e o vigor do corpo), nos Jogos dos Povos Indígenas são realizadas competições como corrida de toras, canoagem, arco e flecha, lutas corporais e também atividades como pinturas e adornos corporais, numa incessante troca de criações culturais das diversas nações envolvidas (RUBIO; FUTADA; SILVA, 2006, p.108)

Na tentativa de compreender os sentidos e significados inerentes e produzidos nos Jogos dos Povos Indígenas, além da relação esporte, jogos e cultura corporal de movimento, que por meio da fundamentação antropológica de Caillois (1990), Huizinga (1990), Bento (1987) e Mandel (1984), os autores analisam as várias concepções de jogo, seus sentidos e suas características esportivas, eles ainda estabelecem uma relação entre os termos agonística, areté, olimpismo e jogos indígenas, com o entendimento de que sua proposta de celebração foi alterada para a competição, buscando manter, entretanto, a areté que originou o projeto inicial. Ou seja, chegam a conclusão de que o lema inicial dos Jogos “o importante não é competir e sim celebrar”, que sintetizava a finalidade do evento que não buscava grandes campeões, cedem espaço às práticas esportivas da sociedade não-indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou sistematizar a produção do conhecimento na Educação Física sobre as práticas corporais indígenas, por meio das publicações na Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Observou-se que, no âmbito desta produção ocorreram mudanças na abordagem de pesquisa sobre a referida temática. As abordagens pautadas na fundamentação antropológica prevalecem na sustentação teórica das produções científicas da área. As pesquisas que enfocam as práticas corporais indígenas com base na “Antropologia da Educação”, na “Antropologia da Criança” e na “Antropologia do Esporte” representam novas tendências no desenvolvimento das pesquisas de caráter qualitativo na Educação Física. Essa alteração no panorama de produção na área, no entanto, ainda não contempla uma socialização constante e sistemática do conhecimento produzido.

Estes dados podem representar um indicativo de que a produção ainda é tímida e deva ser ampliada. A incorporação gradativa dos discursos críticos de cunho social, filosófico, pedagógico e, especialmente, antropológico na área de Educação Física em muito contribuem para um esforço qualificado de compreensão sobre os povos indígenas. Nesse sentido, os esforços para compreender as relações entre a Educação Física na escola indígena e o ambiente social e político em que ela se insere devem ser constantemente almejados.

Após a apresentação das produções do conhecimento na Educação Física sobre as práticas corporais indígenas, apesar de limitada, reafirma-se a necessidade de continuidade de estudos que possam avançar para outros espaços de socialização acadêmico-científicos como os Anais do CBCE, outros periódicos científicos, monografias, dissertações e teses.

REFERÊNCIAS

ALBERT, Bruce. Introdução. In: ALBERT, B; RITA RAMOS, A. (org.). *Pacificando o Branco: Cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: Unesp, 2002. P. 9-21.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *De que brincam as crianças Maxakali?*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.21, n.1, p.710-19, set. 1999. caderno 2.

ARRUDA, Rinaldo Sérgio Vieira. Imagens do índio: signos da intolerância. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Povos Indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade*. São Paulo: USP, 2001.

DIECKERT, Jürgen; MEHRINGER, Jakob. Cultura do lúdico e do movimento dos índios Canela. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.11, n.1, p.54-7, set. 1989.

_____. A Corrida de toras no sistema cultural dos índios brasileiros Canela. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.15, n.2, p.166-180, jan. 1994.

GRANDO, Beleni Salete. *O ensino da Educação Física na formação de professores indígenas*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.19, n.1, p.85, set. 1997.

_____. *A cultura corporal indígena: um desafio para a formação do professor índio*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.21, n.1, p.1064-70, set. 1999. Caderno 3.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Povos Indígenas e tolerância: construindo práticas de respeito e solidariedade*. São Paulo: USP, 2001.

GONÇALVES, A. et al. *Garimpo, mercúrio, saúde e atividade física em aldeias Kaiapó: peculiaridades observadas entre gestantes*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.15, n.1, p.36, set. 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento Selvagem*. 3.ed. Campinas, SP: Papirus, 1989.

_____. *Saudades do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.

RUBIO, Kátia; FUTADA, Felipe de Mello; SILVA, Everson Carlos da. *Os jogos indígenas e as contradições do confraternizar e competir*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.28, n.1, p.105-19, set. 2006.

SILVA, Aracy Lopes da. *Educação indígena entre diálogos interculturais e multidisciplinares: introdução*. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. *Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola*. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

_____; NUNES, Ângela. *Contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da criança*. In: SILVA, Aracy Lopes da; NUNES, Ângela; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

VINHA, Marina; FERREIRA. *Esporte entre os índios Kadiwéu*. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE. v.24, n.3, p.145-58, mai. 2003.

Endereço: Rua Pariquis, 919. Bairro: Jurunas. CEP: 66030690. Belém-Pará.
E-mail: joelmaparente@oi.com.br